

# O governo imperial e os estudos sobre a infância na Antiguidade Tardia: os modelos de imperadores infantes no Império Romano tardo-antigo ocidental

*The imperial rulership and childhood studies in Late Antiquity: the child-emperor patterns in the Late Roman West*

McEVOY, M. A. *Child emperor rule in the late roman west (a.D. 367-455)*. Oxford: Oxford University, 2013, 384 p.

**Érica Cristhyane Morais da Silva\***

---

Recebido em: 17/05/2014

Aprovado em: 15/06/2014

**E**m 1974, Lloyd deMause (1995, p. 1) declarou que a “[...] história da infância é um pesadelo do qual estamos acordando apenas recentemente” e que os historiadores não a notaram anteriormente porque “a história séria” estava muito mais relacionada com eventos públicos do que com os acontecimentos no âmbito da esfera privada. Ao contrário do que argumentava deMause há quase quatro décadas, atualmente a historiografia sobre o tema da infância no mundo antigo é, em particular, impressionante, abundante, vigorosa e recheada de uma rica pletora de fontes documentais.<sup>1</sup> Avançamos muito na compreensão sobre a família, a infância, a

---

\* Professora de História Antiga do Departamento de História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

<sup>1</sup> Ville Vuolanto, um professor adjunto na *School of Social Sciences and Humanities* da *University of Tampere*, na Finlândia, e especialista em história da família e história antiga, especialmente nos contextos da Antiguidade Tardia e do cristianismo antigo, publicou, em setembro de 2010, um levantamento bibliográfico acerca da temática da criança e da infância, no qual apresentou 1573 referências. De acordo com Reidar Aasgaard (2006, p. 27-28), a historiografia acerca da história da infância e da criança tem se fundamentado numa variedade metodológica e temática, bem como numa diversidade de fontes “literárias” e “arqueológicas”, isto é, na utilização da “arte”, da “epigrafia” e da “documentação jurídica”.

criança e sua história social, político-cultural e econômica, tanto em âmbito privado quanto público.<sup>2</sup> No entanto, apesar dessa presença temática significativa e muito profícua na historiografia contemporânea sobre o mundo antigo, ainda existem algumas lacunas.

O livro intitulado *Child emperor rule in the late roman west (a.D. 367-455)*, de Meaghan A. McEvoy, está relacionado à história da infância pelo tema que propõe abordar. Nessa obra, a infância é vista em sua dimensão pública e sob a perspectiva política e, ao reparar uma daquelas lacunas historiográficas, nos oferece uma contribuição importante para a compreensão, segundo a autora, acerca do fenômeno dos imperadores infantes durante o contexto do Império Romano tardo-antigo, entre os anos de 367 e 455 d.C., no Ocidente. Nas palavras de McEvoy (2013, p. 8): “para que as sucessões e os longos anos de reinado de Graciano (nomeado co-Augusto aos 8 anos), Valentiniano II (ascendeu ao *rank* de co-Augusto aos 4 anos), Honório (proclamado co-Augusto, por seu pai Teodósio I, aos 8 anos) e Valentiniano III (tornou-se Augusto aos 6 anos) fossem possíveis” foi necessário uma “fundamental mudança mental, tanto na percepção quanto na realidade das demandas do ofício imperial, bem como na estrutura política na qual este acontecimento estava inserido”. McEvoy busca compreender o tema mediante o “questionamento acerca da natureza das funções esperadas de um imperador romano”, bem como “identificando as mudanças que ocorreram na forma de governo e na regência, que tornaram a ascensão de imperadores infantes possível e até desejada”.

*Child emperor rule in the Late Roman West (a.D. 367-455)*, publicado na série *Oxford Classical Monograph*, coleção sob a responsabilidade de um comitê da *Faculty of Classics* da Universidade de Oxford, é o resultado da tese de doutorado de Meaghan A. McEvoy, defendida em janeiro de 2009, no New College, sob a supervisão de Peter Heather. O livro é composto por uma introdução, intitulada *Spes Rei publicae: the hope of the state?*, uma conclusão e por dez capítulos, distribuídos em três partes. A primeira parte é composta por quatro capítulos, referentes aos imperadores infantes Graciano (367–383 d.C.) e Valentiniano II (375–392 d.C.).<sup>3</sup> O capítulo primeiro se intitula *The emperor in the Late Roman World*. O segundo capítulo, *Gratian and Valentinian II: setting*

<sup>2</sup> Em 2013, a publicação de um compêndio intitulado *The Oxford handbook of childhood and education in classical world* sinalizava as novas perspectivas e a diversidade de abordagens e de temáticas.

<sup>3</sup> As datas apresentadas entre parênteses se referem aos anos de reinado dos imperadores infantes, salvo indicação expressa em contrário.

*the precedent*. O capítulo terceiro, *Long-term success and failure*. E o quarto capítulo, *Adjusting the imperial image*. A segunda parte compõe-se de três capítulos, dedicados ao imperador infante Honório (393-423 d.C.): o capítulo quinto da obra, intitulado *An accident of power?*, o sexto, *The regime of Stilicho*, e o sétimo, *The interregnum and the rise of Flavius Constantius*. Por fim, a terceira parte, também constituída de três capítulos, diz respeito ao imperador infante Valentiniano III (425-455 d.C.): o capítulo oitavo, intitulado *The struggle for power*, o nono, *The regime of Aetius*, e o décimo, *Valetinian III: child-turned-adult emperor?*

O conjunto da obra fascina pela expressiva quantidade de evidências e o significativo número de documentos examinados, em sua maioria fontes escritas de vários autores antigos, recorrendo ainda à numismática e à epigrafia, quando disponíveis (McEVOY, 2013, p. 13-18; p. 330-338). Para compreender a ascensão de imperadores infantes no contexto do Império Romano tardo-antigo ocidental, McEvoy parte da reflexão acerca da "natureza do ofício imperial romano", apresentando as expectativas convencionais acerca do imperador "ideal" a partir de "atributos gerais" como 'status' familiar, juventude e educação (2013, p. 26-28), "ações e virtudes" (2013, p. 28), "proezas militares" (2013, p. 29-30), "justiça" (2013, p. 30-35), "sabedoria e temperança" (2013, p. 35-36), "legitimação" (2013, p. 36-40), "função religiosa" (2013, p. 40-43), "favorecimento divino e cerimonial" (2013, p. 43-47). Os estudos de caso (Graciano e Valentiniano II; Honório; Valentiniano III) são apresentados de maneira detalhada e contextualizada, fazendo uma apreciação dos acontecimentos, dos conflitos e das personagens que tornaram possível a ascensão, a criação do precedente e a legitimação do governo de imperadores infantes.

Considerando também o cristianismo como um aspecto vital para definir as características desses reinados, McEvoy examina o papel da religião nesse contexto; como, por exemplo, a atitude desses imperadores frente aos desafios postos por conflitos religiosos, como o do arianismo. Todavia, sentimos falta de uma reflexão sistemática acerca da própria concepção de infância e criança, ou das várias concepções em jogo, nesse contexto – tema amplamente debatido em um dado campo de estudos sobre a história da criança, da infância e da família –, e como isso também poderia contribuir, ou não, para a legitimação dos governos dos imperadores infantes. Odd Magne Bakke (2005, p. 260) argumenta, por exemplo, que "a teologia e a ética cristãs protegiam a vida da criança de tal modo que não havia precedentes no mundo

greco-romano e, nesse sentido, poderíamos, inclusive, considerar o cristianismo como uma religião amistosa à infância". Segundo esse autor, na concepção cristã, a criança é vista como um "paradigma positivo" para o adulto, em oposição à concepção greco-romana (BAKKE, 2005, p. 57-65). Certamente, *Child emperor rule in the Late Roman West (a.D. 367-455)*, de Meaghan A. McEvoy, é uma obra estimulante e nos chama a refletir, detidamente, sobre acontecimentos importantes dentro do contexto romano tardo-imperial, em particular, e do da Antiguidade Tardia, no geral. Além disso, nos oferece uma importante perspectiva acerca dos imperadores infantes e, ao fazê-lo, a autora se associa a um grupo de estudiosos e a um espaço de debates que têm sido bastante fértil na contemporaneidade: os estudos sobre a Antiguidade Tardia.<sup>4</sup> Não obstante, a obra de Meaghan A. McEvoy compartilha uma temática, mantendo também relações próximas com a história e a historiografia sobre a criança, a infância e a família no mundo antigo, que pode, reciprocamente, se beneficiar dessa associação.

## Referências

- AASGAARD, R. Children in antiquity and early Christianity: research history and central issues. *Familia*, Salamanca, n. 33, p. 23-46, 2006.
- BAKKE, O. M. *When children became people: the birth of childhood in early Christianity*. Minneapolis: Fortress, 2005.
- DeMAUSE, L. The evolution of childhood. In: DeMAUSE, L. *The history of childhood*. New York: Jason Aronson, 1995, p. 1-73.
- GRUBBS, J. E.; PARKIN, T.; BELL, R. *The Oxford handbook of childhood and education in classical world*. Oxford: Oxford University, 2013.
- McEVOY, M. A. *Child emperor rule in the late roman west (a.D. 367-455)*. Oxford: Oxford University, 2013.
- McEVOY, M. A. From Adelaide to the Roman Empire. *Lumen – The University of Adelaide Alumni magazine*. Entrevista concedida à *Lumen* e escrita por Robyn Mills. Disponível em:

---

<sup>4</sup> Em 2010, em uma entrevista à *Lumen – The University of Adelaide Alumni Magazine*, um periódico da Universidade de Adelaide, na Austrália, Meaghan A. McEvoy foi associada, diretamente, aos estudos acerca da antiguidade tardia (2010, p. 13).

<<http://www.adelaide.edu.au/lumen/issues/36681/news36688.html>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

VUOLANTO, V. *Children in the ancient world and the early middle ages*. A bibliography (century IX b.C.-century IX a.D.). Disponível em: <<http://www.uta.fi/yky/yhteystiedot/henkilokunta/villevuolanto/index/Children%20in%20the%20Ancient%20World%20and%20the%20Early%20Middle%20Ages.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2013.